

# CAPÍTULO 1

## O ENSINO DA GEOGRAFIA FÍSICA A PARTIR DA REALIDADE VIVIDA PELO ESTUDANTE

---

*Data de submissão: 07/01/2025*

*Data de aceite: 07/02/2025*

**Lucas Santos Daniel**

**RESUMO:** A Geografia Física Escolar, ao tratar de muitos conteúdos, tem adotado um método de ensino-aprendizagem que frequentemente se distancia da realidade dos estudantes. Ocorre que, a Geografia, enquanto ciência e disciplina escolar, deve possuir um caráter de interpretação, análise e entendimento da realidade, permitindo o discente compreender o espaço que o cerca e suas relações sociais e naturais. Desse modo, este trabalho, que adotou uma abordagem metodológica de cunho documental e qualitativo, irá propor a importância de as aulas serem um meio de os alunos poderem compreender e discernirem a geografia que os cercam, de modo que eles possam agir de maneira crítica no espaço onde vivem. Assim, defendemos nesta produção que o Ensino da Geografia Física não deve possuir um caráter numérico e descritivo, mas adotar métodos que permitam o aluno a aplicarem os conceitos teóricos em seu dia a dia. Por meio disso, entende-se que a Geografia irá se pluralizar, de modo que seja uma Geografia escolar que pensa na escala

local e como pode contribuir ativamente no espaço escolar e no espaço do aluno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia Física; Ensino de Geografia; Educação Geográfica Significativa; Espaço vivido.

**ABSTRACT:** School Physical Geography, when dealing with many contents, has often adopted a teaching-learning method that distances itself from the reality of students. Geography, as both a science and a school subject, should possess a character of interpretation, analysis, and understanding of reality, enabling students to comprehend the space around them and their social and natural relationships. Therefore, this work, which adopted a methodological approach of a documentary and qualitative nature, will propose the importance of classes being a means for students to understand and discern the geography around them so that they can act critically in the space where they live. Thus, we argue in this production that the teaching of Physical Geography should not have a numerical and descriptive character but should adopt methods that allow students to apply theoretical concepts in their daily lives. Through this, it is understood that Geography will become pluralized, transforming into a school

Geography that considers the local scale and how it can actively contribute to both the school space and the students' space.

**KEYWODS:** Physical Geography; Geography Teaching; Meaningful Geographic Education; Lived Space.

## INTRODUÇÃO

A globalização, de fato, trouxe consigo a homogeneização cultural, isto é, processo no qual as culturas perdem suas características distintas, tornando-se cada vez mais similares umas às outras. A esse respeito, Cavalcanti (2012) afirma que, devido aos desafios que atingem a civilização com a expansão da globalização, a Geografia, enquanto uma ciência crítica, representa uma significativa ferramenta de embate a essas problemáticas, oferecendo possibilidades de uma melhor compreensão do mundo.

O desenvolvimento de um modo de pensar geográfico mais amplo e abstrato requer, portanto, a formação de conceitos pelos alunos. O trabalho com o conteúdo geográfico, para que ele se torne ferramenta do pensamento, implica a busca de significados e sentidos dados por eles aos diversos temas trabalhados em sala de aula, considerando sua experiência vivida; e também implica a busca da generalização dos conceitos e o entendimento de sistemas conceituais; implica, além disso, trabalhar com outras dimensões da formação humana, como a emocional e a social, e não somente a cognitiva, a racional. (Cavalcanti, 2011, p. 201)

Com base nesse entendimento, Motta (2003) reflete que esse processo de padronização global, em diversos aspectos, tende a afastar o indivíduo do seu mundo, isto é, do lugar onde ele vive. Nessa perspectiva, em concordância com a autora, observa-se que a Geografia, ao tratar de muitos conteúdos, tem adotado um método de ensino-aprendizagem que frequentemente se distancia da realidade dos estudantes.

Nesse caminho de ideia, Santos (1996) enfatiza que, mesmo em uma era de globalização, cada local ainda possui sua peculiaridade, isto é, cada espaço ainda possui uma especificidade. Assim, é destacável que a Geografia, enquanto ciência e disciplina escolar que estuda a totalidade do espaço, não exerce a função de propagar apenas informações que não fazem parte da realidade do estudante, mas integrar o espaço em que ele vive ou frequenta aos conteúdos ministrados em sala.

Sob este ponto de vista, Motta (2003, p. 9) salienta que é fundamental “verificar se o estudo da Geografia possibilita uma leitura do espaço que vá além de uma simples percepção de formas”. Desse modo, isso se faz necessário, pois a Geografia, enquanto ciência e disciplina escolar, deve possuir um caráter de interpretação, análise e compreensão da realidade. Assim, em consonância com a autora, o ensino geográfico deve ser “capaz de construir raciocínios geográficos que possibilitem a percepção do significado de cada relação, de cada coisa, de cada símbolo construído nesse espaço vívido, sem perder a visão do todo”.

Sendo assim, destaco Massey (2017) quando afirma que a Geografia, sobretudo o ensino geográfico, deve auxiliar os alunos a explorarem a complexidade distinta dos espaços. Além disso, a autora enfatiza que isso deve ser feito de acordo com os pontos de vista dos próprios estudantes. Debaixo dessa afirmação, é possível refletir que a Geografia, enquanto disciplina escolar, não deve estar alicerçada a homogeneização geográfica, ou seja, expor apenas conteúdos eurocêntricos ou de países desenvolvidos e dominantes por exemplo, mas compromissada em disseminar a Geografia da realidade do discente.

Destaco Macêdo (2015) quando enfatiza que a função da educação geográfica é formar o indivíduo para compreender realidade a qual está inserido. Sob esse entendimento, concordo com a autora quando reflete baseada na ideia de que a Geografia, enquanto disciplina escolar, deve ter um caráter realístico, isto é, permitir o discente observar e interpretar o espaço o qual ele vive. Sendo assim, destaco quando a autora afirma que:

O ensino de Geografia, nas escolas do ensino básico, tem o papel primordial de educar para a cidadania, ou seja, formar cidadãos que compreendam a sua realidade, o mundo em sua complexidade e – as contradições socioespaciais no decorrer da história, e desse modo, sejam capazes de participar de forma ativa na transformação dos seus espaços de vivência, respeitando as suas diversas dimensões, de forma ética e responsável. (Macêdo, 2015, p. 153)

Nesse sentido, a Geografia, quando paralela à realidade na qual o estudante está inserido, possui um caráter único, que está atrelado a possibilitar o aluno a agir coerentemente aos acontecimentos em sua redondeza. Debaixo dessa análise, Almeida (1999) desperta a ideia de que a Geografia, enquanto uma disciplina escolar de essência libertadora, deve “munir os alunos de conhecimentos que lhes permitam agir de modo mais lúcido ao tratar das questões do espaço em diferentes níveis. O ensino de Geografia tem, portanto, papel decisivo na formação da cidadania” (p. 83).

Sob as análises acima, destaco que o objetivo desta produção é propor a integração da realidade do aluno no ensino da Geografia Física. Nesse sentido, este trabalho irá propor a importância de as aulas serem um meio de os alunos poderem compreender e discernirem a geografia que os cercam, de modo que eles possam agir de maneira crítica no espaço onde vivem.

## METODOLOGIA

Este trabalho adota uma abordagem metodológica de cunho documental e qualitativo. Para chegar às conclusões, foram realizadas revisões bibliográficas relacionadas ao ensino da Geografia Física, Educação Significativa e Geográfica. Neste contexto, autores como Afonso (2015, 2019), Armond e Afonso (2009), Santos (1996), Cavalcanti (2011), Ab'Sáber (1999, 2003) e Suertegaray (2000) foram utilizados como referenciais teóricos, contribuindo significativamente para o desenvolvimento desta obra.

Além disso, a pesquisa possui um caráter exploratório, com o intuito de compreender

como a Geografia Física pode ser integrada ao espaço vivido dos alunos, rompendo a ideia numérica e descritiva que fundamentou a disciplina nos anos de 1970.

Sobretudo, este trabalho defende a ideia de que a Geografia Escolar deve ter sua gênese no espaço vivido do aluno. Assim, argumentamos que a Geografia Física, enquanto uma subespecialidade da Geografia Geral, deve inter-relacionar os aspectos físicos-naturais e a criticidade, desenvolvendo em sala de aula que a natureza e o ser humano estão em constante mudança, influenciando-se mutuamente e provocando alterações expressivas.

Além disso, enfatiza-se a necessidade de que os conteúdos de Geografia Física sejam dedicados ao ensino significativo, para que, em situações de eventos extremos, esses conhecimentos possam auxiliar na minimização dos impactos associados a essas dinâmicas naturais.

Por meio desse percurso metodológico, chegou-se à conclusão de que a Geografia Física deve ter sua gênese na realidade do estudante e, para que tenha um caráter significativo, deve ser capaz de fazer com que a teoria apresentada nos livros didáticos seja aplicada no dia a dia do discente.

## EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA SIGNIFICATIVA

Segundo Armond e Afonso (2009), os conteúdos relacionados a Geografia Física, na educação básica, são tratados de maneira superficial e repassados de maneira precarizada. Nesse sentido, as autoras afirmam que esta questão é fruto tanto da irrelevância atribuída, por muitos professores, às dinâmicas ambientais e naturais, quanto da falta de preparo que estes geógrafos possuem na hora de abordar fundamentos específicos da área.

Nessa lógica, Armond e Afonso (2009) refletem que a Geografia deve ser um instrumento que auxilie na formação da identidade cidadã. Ocorre que, a problemática citada acima, não contribui apenas para uma defasagem no ensino, mas corrobora para que a Geografia não exerça seu papel de formar cidadãos engajados pelas mudanças em seus espaços. Com isso, a questão nos faz refletir que, o despreparo de alguns professores e a precarização desse ensino, não apenas contribui para uma falha na aprendizagem, mas impede que a Geografia, enquanto uma matéria que estuda o espaço real, se torne significativa para o estudante.

A superficialidade encontrada hoje no ensino da Geografia Física é fonte de uma era na qual os conteúdos eram repassados de maneira enumerativa e descritiva. Com base nisso, Silva (2004) destaca que, até os anos de 1970, quando os conteúdos eram abordados dessa maneira, os livros didáticos, ao abordar temas físico-naturais, não adicionavam uma posição crítica sobre os conteúdos. Com isso, o autor reflete que esse modelo de repassar o conteúdo possuía um caráter limitado, visto que cooperava para a formação de uma visão fragmentada e superficial dos elementos naturais, sem explorar as inter-relações com a sociedade e a importância dos processos naturais.

Em concordância, Louzada e Frota Filho (2017) põem em evidência que os livros didáticos apresentam lacunas ao abordar os temas de natureza física. Nesse sentido, os autores refletem que esses conteúdos são apresentados de maneira superficial e genérica, sem uma profundidade que engaje ou estimule os alunos a entenderem o espaço e as dinâmicas físico-naturais. Além disso, é posto em destaque que essa superficialidade nos livros e nas aulas comprometem não apenas o ensino-aprendizagem dos estudantes, mas corrobora para que se torne limitando o entendimento sobre Geografia Física.

Ocorre que, abordar esses conteúdos de maneira superficial, resulta em atitudes inadequadas por parte da sociedade (Afonso, 2015). Nesse sentido, a autora enfatiza que essa falta de profundidade não apenas compromete a educação geográfica, mas também influencia a maneira como os seres humanos utilizam o espaço terrestre. Isso gera problemáticas relacionadas “[...] à ocupação da superfície terrestre, ao uso e gerenciamento das águas, rochas, formas de relevo, solos e biomas [...]” (Afonso, 2015, p. 88).

Além disso, essa superficialidade impede que o ensino da Geografia se torne significativo. Nesse contexto, Afonso (2015) ressalta que compreender os processos naturais é fundamental para, em situações de eventos extremos, ajudar a minimizar os impactos associados a essas dinâmicas. Contudo, ao afastar esses conteúdos da educação básica ou não os tornar relevantes — conectando-os às experiências e ao espaço vivido pelos estudantes —, nós, como professores, acabamos contribuindo para que as sociedades se tornem mais vulneráveis aos efeitos desse sistema natural.

A mitigação das perdas provocadas por eventos naturais extremos exige que se conheça bem os processos naturais a fim de maximizar os benefícios, minimizar os impactos e/ou reduzir os riscos de uma interação inadequada entre Sociedade e Natureza. Quando essas precauções não são tomadas — seja por desconhecimento da dinâmica dos elementos físico-naturais, seja por falta de recursos econômicos ou por negligência política —, as sociedades ficam mais vulneráveis à força de eventos naturais extremos. (Afonso, 2015, p. 88)

Aplicar os conteúdos relacionados aos processos físico-naturais - “regimes meteorológicos, dinâmica de tempestades, regimes fluviais, processos erosivos e deposicionais em ambientes continentais e costeiros, processos eólicos, tectonismo, vulcanismo, abalos sísmicos etc” (Afonso, 2015, p. 89) – se trata de contribuir para a formação do discente como um cidadão engajado com comportamentos saudáveis na natureza.

A abordagem de tais temáticas na Educação Básica contribui, num cenário mais amplo, para fortalecer movimentos sociais e políticos que pressionem por soluções estruturais (e não apenas paliativas) relacionadas, por exemplo, aos modelos energéticos, destino de resíduos sólidos urbanos, políticas de saneamento básico, planejamento urbano e de assentamento de famílias residentes em áreas de risco. (Afonso, 2017, p. 3)

Nesse sentido, quando envolvemos os conteúdos relacionados as dinâmicas naturais do planeta (teórico) e a realidade do discente (prática), contribuímos para que a disciplina geográfica se torne amplamente significativa. Desse modo, destaco Sousa e Silva, que refletem sobre a importância de a Geografia ter um caráter significativo de aprendizagem. Para isso, é fundamental que os alunos apliquem os conteúdos abordados em sala de aula na sociedade. Em outras palavras, o estudante deve perceber o conhecimento como algo que pode ser sistematizado e utilizado em sua vida fora da escola.

Nesse pensamento, Santiago (2021) acentua que a Geografia Escolar não deve possuir apenas um caráter transmissor, isto é, contribuir apenas com a teoria, pois isso removeria a identidade emancipadora da ciência geográfica. Sendo assim, o autor aborda que os conteúdos geográficos não podem deixar de integrar as “[...] realidades sociais, econômicas ou ainda as características dos locais em que os alunos estão inseridos, considerando ainda os contextos geomorfológicos, climatológicos, hidrológicos e biogeográficos” (p.37).

Dessa maneira, baseado no que foi exposto acima, a Geografia Física, possuindo um caráter emancipador e significativo, ao abordar seus conteúdos, deve interligá-los a realidade do estudante. Nesse sentido, ao repassar a Geomorfologia, o professor deve tratar das formas de relevo e suas interações com a sociedade, trazendo discursos relacionados a ocupação dos morros, prevenção de riscos geomorfológicos e o uso do solo; na Climatologia examinar os padrões climáticos e seu impacto na vida das pessoas e na economia, mas também analisar o tempo e o clima nos quais a escola e o aluno estão inseridos; na Hidrologia, deve abordar as ideias relacionadas aos recursos hídricos, cruciais para a agricultura, a indústria e o consumo humano, mas também os fatores relacionados a enchentes e inundações; entre outros.

Nessa lógica, permitir que a teoria geográfica possa ser aplicada da realidade do aluno, permite que o discente esteja pronto para atuar, como cidadão consciente, no espaço que habita e frequenta. Sendo assim, Afonso (2015, p. 89) reflete que o “estudo de problemas socioambientais locais favorecem produzir de conhecimentos articulados, singulares e originais”, permitindo que “surgem novas possibilidades para a concepção de currículo escolar, com base na articulação de experiências locais e conteúdos escolares”. Dessa maneira, a autora ainda destaca que esse processo deve partir do lugar conhecido e vivido pelos alunos e professores.

Os estudos das características ambientais (envolvendo aspectos naturais e sociais do espaço) nas proximidades das localidades de ação profissional dos docentes em Geografia devem prever a diversidade espacial. As particularidades e especificidades locais em geral têm relação com temas curriculares mais abrangentes, o que permite a contextualização das situações em relações a quadros teóricos gerais. Para efeito de exemplificação, observar a ocupação das encostas, a poluição atmosférica e/ou das águas ou áreas de risco nas áreas próximas às escolas, permite interpretar situações específicas a partir de quadros teóricos mais gerais, estimulando a capacidade crítica,

argumentativa e a possibilidade de ação social dos educandos e educadores (Armond, 2002, citador por Afonso, 2015, p. 89)

## O ESPAÇO VIVIDO COMO FERRAMENTA DE ENSINO

Gomes (1996) destaca que a ciência geográfica, ao possuir foco na idealização do espaço vivido, coloca em destaque a especificidade de cada espaço, priorizando como as pessoas o vivenciam e percebem. Nesse sentido, o autor nos leva ao entendimento de que a Geografia, de certo modo, não possui o objetivo de sistematizar, mas estudar e compreender a experiência única que cada pessoa ou grupo tem em relação ao seu ambiente.

A ciência geográfica, definida pelo viés do espaço vivido, não tenta criar leis nem observar regularidades generalizadoras. Seu ponto de partida é, ao contrário, a singularidade e a individualidade dos espaços estudados. Ela também não procura avançar resultados prospectivos e normativos, como as ciências ditas racionalistas. Seu objetivo principal é fornecer um quadro interpretativo às realidades vividas espacialmente. A objetividade não provém de regras estritas de observação, mas do uso possível das diversas interpretações na compreensão do comportamento social dos atores no espaço. Por seu contato e por sua participação direta no conjunto de significações criadas em uma comunidade espacial, o geógrafo torna-se um personagem ativo no próprio desenvolvimento desta comunidade. Contudo, ele deve ter a consciência explícita de seu engajamento pessoal e, portanto, da impossibilidade de um distanciamento 'objetivo' com relação ao seu campo de pesquisa. (GOMES, 1996, p. 320).

Sob esta análise, torna-se possível compreender que o espaço vivido, enquanto um objeto de estudo geográfico, não deve pertencer apenas a uma análise da então dicotomizada Geografia Humana, mas pertencer a Geografia por um todo. Sendo assim, Motta (2003) considera que toda pesquisa, ao trabalhar com a vertente do espaço vivido, deve reconhecer que as experiências e percepções das pessoas são influenciadas por suas histórias pessoais, culturais e sociais.

Trabalhar com o espaço vivido é lidar com a subjetividade, com o envolvimento do pesquisador com os demais atores envolvidos na pesquisa. A possibilidade de captar informações, significados, está muito ligada à interação que existe entre todos os envolvidos e a informalidade dessas relações. É uma construção que capta e analisa de forma concomitante o vivido, espacial e temporalmente. (Motta, 2003, p. 103)

Sendo assim, creio que a Geografia Escolar, sendo uma forma de disseminar a ciência geográfica, deve, para além dos livros didáticos, ser desenvolvida no espaço vivido dos estudantes. Nesse sentido, Kaercher (1997) reflete que a verdadeira Geografia não é aquela que está inserida apenas nos livros didáticos utilizados em salas de aula, mas está intrinsecamente ligada as experiências cotidianas dos alunos.

[...] os conceitos e vivências espaciais (geográficas) são importantes, fazem parte de nossa vida a todo instante. Em outras palavras: Geografia não é só o que está no livro ou o que o professor fala. Você a faz diariamente. Ao vir para a escola a pé, de carro ou de ônibus, por exemplo, você mapeou, na sua cabeça, o trajeto. Em outras palavras: o homem faz Geografia desde sempre. (Kaercher, 1997, p.74)

O espaço vivido dos alunos está relacionado a cultura na qual eles estão inseridos. Com isso, torna-se possível compreender que desde os percursos que os mesmos fazem, local onde moram, o espaço no qual a escola está inserida ou onde eles frequentam devem ser objetos do estudo geográfico escolar. Desse modo, Cavalcanti (2002, p. 130) realça que “a metodologia e os procedimentos de ensino devem ser pensados em função da cultura dos alunos, da cultura escolar, do saber sistematizado e em função, ainda, da cultura da escola”.

Concordo com o fato de que a Geografia está além do que academia produz. Sob esse entendimento, Cavalcanti (2002) afirma que os conteúdos geográficos estão inseridos nas atividades diárias, e a partir dela os discentes e docentes podem construir a geografia. A autora, em seus escritos, enfatiza que em atividades cotidianas, muitas das vezes consideradas simples, os estudantes conseguem produzir espaços, construir lugares e delimitar seus territórios. Nesse sentido, comprehende-se que o espaço vivido do aluno, a partir da sua cultura e interação, são fontes primordiais que devem ser inseridas nos conteúdos geográficos escolares.

Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade, pelos bairros, constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios; vão formando, assim, espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e vão contribuindo para a produção de espaços geográficos mais amplos. (Cavalcanti, 2002, p. 130)

A prática cotidiana dos alunos é, desse modo, plena de espacialidade e de conhecimento dessa espacialidade. Cabe à escola trabalhar com esses conhecimentos nos seus espaços, discutido e ampliado, alterando, com isso, a qualidade das práticas dos alunos, no sentido de uma prática reflexiva e crítica. (Cavalcanti, 2002, p. 131)

Os Parâmetros Nacionais Curriculares (PNC) enfatizam que “o ensino de Geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nela interfiram de maneira mais consciente e propositiva” (BRASIL, MEC, 1997, p. 108). Sob essa ótica, entende-se que a Geografia, como uma disciplina que permite o discente a observar, analisar e compreender o espaço, deve contribuir para que ele tenha consciência do espaço no qual ele está inserido. Assim, Cavalcanti (2002, p. 132) reflete que:

A idéia é a de que se deve encaminhar o trabalho com os conteúdos geográficos e com a construção de conhecimentos para que os cidadãos tenham uma consciência da espacialidade das coisas, nas coisas, nos fenômenos que eles vivenciam mais diretamente ou que eles vivenciam

enquanto humanidade.

De fato, a Geografia mundial e regional possui uma extrema relevância, garantindo seu caráter único. Ocorre que, a defesa de uma Geografia do espaço vivido, isto é, uma Geografia escolar relacionada a realidade do estudante, se trata de tornar o conteúdo geográfico acessível. Nesse sentido, Cavalcanti (2002) salienta que esse modelo de ensino contribui para a disciplina geográfica superar relativismo e o subjetivismo, enfatizando a extrema importância dos conhecimentos cotidianos do aluno está inserido nas aulas.

As representações sociais dos alunos são importante recurso na formação de conceitos, ao menos por duas razões. Em primeiro lugar, ao expressar o conhecimento cotidiano do aluno, ou seja, o que ele já conhece e que é compartilhado socialmente, ajudam na superação do relativismo e do subjetivismo no ensino. (Cavalcanti, 2002, p. 133)

Entretanto, é válido ressaltar que inserir o espaço vivido nos conteúdos geográficos, não se trata de retirar os conceitos fundamentais e históricos imprescindíveis para a formação da Geografia. Dessa maneira, destaco a PNC (BRASIL, MEC, 1997) ao enfatizar que, antes dos estudantes compreenderem a sua realidade, devem adquirir conhecimento sobre as categorias, conceitos, procedimentos e teorias básicas, para não compreenderem apenas “[...] as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade [...]” (p. 108).

## A GEOGRAFIA FÍSICA INSERIDA NO ESPAÇO REAL DO ESTUDANTE

A natureza e o ser humano estão intrinsecamente conectados, visto que ambos se relacionam entre si. Baseado nisso, a raça humana, desde o início da civilização, segundo Santos e Vital (2020), buscou compreender o funcionamento das paisagens que o cerca.

Desde os primórdios, o homem demonstrou interesse em compreender o lugar onde vivia, sendo, assim, a superfície da Terra, substrato da maioria das atividades humanas, por ser constituída de diferentes composições e variações que formam as paisagens tornou-se objeto de investigação. (Santos e Vital, 2020, p. 434)

Sob a análise acima, percebe-se que o ser humano já fazia o que hoje chamamos de Geografia, ou seja, desde sempre a sociedade buscou pensar e observar o espaço e a paisagem nos quais estão inseridos. Nesse sentido, é possível entender que a verdadeira Geografia é aquela que faz parte da realidade do ser humano, ou seja, só é possível compreender uma verdadeira ciência geográfica a partir da realidade que está inserido. Desse modo, Santiago (2021) destaca que os conteúdos geográficos só se tornam significativos a partir do momento em que parte da realidade do estudante.

Os conteúdos e princípios geográficos são intrínsecos às relações de poder e aos sistemas físicos, e vice-versa, estes recebem significado e sentido através

das relações construídas a partir do contexto dos estudantes, permitindo uma leitura espacial holística e integrada, que compreende a terra como um sistema, sendo a sociedade parte integrante desse sistema, transformando-o e sendo transformada por ele, ao longo do tempo. (Santiago, 2021, p. 51)

Sendo assim, concordo com Santiago (2021, p. 51) quando afirma que, além de tornar a Geografia significativa, o processo de fazer com que esta tenha sua gênese na realidade do estudante permite com que os sujeitos consigam compreender “quais os seus direitos, deveres e possibilidades na sociedade que fazem parte, qual papel do Estado em seu cotidiano, contexto social, econômico e ambiental”.

Afonso (2015) relata a fundamentalidade da sociedade compreender os processos naturais. Nesse sentido, concordo com a autora, visto que esse entendimento tem papel primordial no auxílio da compreensão do espaço habitado, em que as sociedades se tornam capazes de analisar, interpretar e entender as dinâmicas das paisagens as quais estão respectivamente inseridas.

De acordo com a análise acima, destaco que a Geografia Física tem uma extrema importância no ensino escolar, ganhando destaque ainda mais na conjuntural atual, pois diariamente se tem visto mudanças ambientais e eventos extremos ocorrendo com mais intensidade e frequência. Nessa lógica, Afonso (2017) traz em destaque que a Geografia Física, enquanto disciplina na educação básica, deve estar inserida na realidade do aluno, partindo de uma conexão entre natureza e corpo social e baseada em uma ideia crítica.

O ensino de Geografia Física deve contribuir para a realidade imediata dos alunos, atribuindo significados e/ou aplicabilidade aos conteúdos trabalhados, promovendo uma análise crítica da realidade social e natural mais ampla, analisando a diversidade do espaço global e dos espaços locais. (Afonso, 2017, p. 2-3)

Inserir a Geografia Física na realidade do estudante é permitir com que esta ciência saia de um meio dicotomizado. Nesse sentido, enfatizo Ab'Sáber (1999) quando salienta que o meio natural só ganha sentido quando cruzado com fatores sociais e históricos. Com isso, concordo com Aziz ao destacar que a Geografia Física, em sua extrema relevância, deve ser integrada, de maneira uniforme, a Geografia Humana, visto que ambos, sociedade e espaço natural, estão em constante relacionamento interativo.

[...] isoladamente, o conhecimento de suas bases físicas e ecológicas não tem força para explicar as razões do grande drama dos grupos humanos que ali habitam. No entanto, a análise das condicionantes do meio natural constitui uma prévia decisiva para explicar causas básicas de uma questão que se insere no cruzamento dos fatos físicos, ecológicos e sociais. (AB'SÁBER, 1999, p. 7)

Integrar ambas áreas do conhecimento, é, de certo modo, permitir a Geografia ser completa, em que, esta verdadeira disciplina, estaria exercendo seu papel de ser uma grafia do Terra, observando, analisando e estudando os fenômenos físicos, biológicos e humanos que ocorrem sobre a superfície terrestre.

Diante da necessidade de compreensão de um mundo no qual a questão ambiental é crítica, é fundamental que se criem pontes que contribuam para a transdisciplinaridade entre conhecimentos produzidos por diferentes áreas do conhecimento, superando a dicotomia existente entre as abordagens estritamente sociais ou naturais. Nesta perspectiva, as dinâmicas do meio físico (clima, relevo, biomas etc.) e socioeconômico (aspectos da cultura, da política e da produção e circulação de bens e serviços) estão tão integradas que superam o sentido da divisão de temas entre Geografia Física e Humana. (Afonso, 2013, p. 81)

Assim, Suertegaray *et. al* (2000) enfatiza que o ensino da Geografia Física deve partir do conceito de lugar, porém um lugar que seja próximo ao estudante. Nesse sentido, os autores reforçam que esse lugar próximo, que também denominado de espaço vivido, deve ser o palco das relações horizontais, que são um reflexo das relações que acontecem dentro da própria comunidade, como as conexões entre vizinhos, familiares, amigos e o próprio meio ambiente, e das relações verticais, compreendidas como interações ligadas a contextos sociais, econômicos e políticos.

Nesse sentido, quando se desenvolve uma Geografia Física, a partir da realidade na qual o estudante vive, fazemos com que a verdadeira essência da ciência geográfica seja praticada. Nesse sentido, ao disseminar a Geografia Física, integrada a realidade social, na qual o aluno se encontra, é permitir esse discente, desde sua tenra idade, perceber e se tornar parte dos seus espaços vividos, isto é, ser um cidadão que percebe e comprehende as mudanças físicas e sociais das paisagens que o cerca. Assim, Afonso (2013, p. 81) reflete que isto “estimula o educando a buscar os recursos analíticos capazes de levá-lo a uma compreensão mais articulada e menos compartmentada da realidade”.

Aziz Ab'Sáber (1999) ainda destaca que é de responsabilidade, não apenas dos governantes, mas de todo corpo social, conhecer profundamente os limites de cada espaço natural para promover um uso sustentável. Entende-se, partindo desta análise feita por Aziz, a Geografia Física, tendo seu princípio na região frequentada pelo aluno, se torna uma fonte contribuidora para que este ser humano tenha sensibilização de preservar o espaço natural que o cerca. O autor ainda põe em destaque que, devido a pluralidade natural existente, cada área possui características próprias que determinam suas capacidades e vulnerabilidades. Com isso, destaca-se a primordialidade de se ensinar um Geografia Física que se relacione com a realidade do discente, visto que é necessário, como ressaltado por Ab'Sáber (2003), o ser humano conhecer os limites de cada espaço natural.

Desde o mais alto escalão do governo e da administração até o mais simples cidadão todos têm uma parcela de responsabilidade permanente, no sentido da utilização não predatória dessa herança única a paisagem terrestre. Para tanto, há que conhecer melhor as limitações de uso específicas de cada tipo de paisagem (AB'SÁBER, 2003, p. 10)

Desse modo, torna-se compreensível que a Geografia deve estar inserida na realidade do estudante, sobretudo, ao ser ensinada, deve ter a gênese dos seus conceitos

no cotidiano do discente, sendo compreendida a partir do espaço no qual a escola está inserida, no local da sua moradia ou por meio das paisagens que ele observa em seus percursos. Posto isto, Piotr Kropotkin (1842-1921) – em sua obra “*O que a Geografia deveria ser*” (1982) – destaca que a tarefa do geógrafo é despertar na criança o desejo por aprender e compreender os fenômenos naturais. Com isso, partindo desta realidade de vivência do aluno, a Geografia conseguiria despertar no aluno o desejo por conhecer, analisar e compreender o espaço que habita, observando as relações das dinâmicas físico-naturais e sociais. Sendo assim, Suertegaray e outros autores

Em consonância, Afonso (2013) destaca que compreender os elementos naturais e sua relação com a vida cotidiana é essencial para preparar os alunos para enfrentar os desafios de suas realidades. Desse modo, concordo com Anice Afonso (p. 83) quando afirma que “a aplicação dos conhecimentos relativos aos elementos da Natureza – relevo, drenagem, solos, clima, biomas etc. – na vida cotidiana tem profunda relação com oportunidades e/ou restrições que podem influenciar a vida de alunos e professores”. Dessa maneira, a autora enfatiza que, ao trazer a Geografia Física para a realidade do estudante, o professor permite o mesmo a entender e agir conforme as dinâmicas físico-naturais que o cerca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o trabalho presente, buscou contribuir para a reflexão acerca da inserção do espaço vivido como instrumento para a prática do ensino da Geografia Física. Nesse sentido, buscou-se ressaltar a importância de os conteúdos físicos-naturais estarem interligados com a realidade na qual o estudante se situa, de modo que ele possa aplicar o que foi aprendido no seu dia a dia.

Além disso, salientou-se que a Geografia Física, ao estudar os aspectos físicos terrestres, não deve separá-lo dos aspectos sociais, propagando uma ciência numérica e descritiva. Para além disso, como professores, devemos estar engajados em ensinar a relação entre o ser humano e a natureza, e como ambos interferem um no outro. Sobretudo, mostrar como os discentes podem agir de maneira crítica, através dos conteúdos repassados, nos ambientes que frequenta.

Por meio disso, entende-se que a Geografia irá se pluralizar, de modo que não esteja focada em um Geografia Mundial ou Regional, mas uma Geografia escolar que pensa na escala local e como pode contribuirativamente no espaço escolar e no espaço do aluno. E, através dessa metodologia de ensino, o docente estará contribuindo para a propagação de uma Geografia acessível, na qual os estudantes poderão perceber o que foi estudado em seus percursos, podendo praticar a teoria vista em sala de aula e nos livros

## REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil.** São Paulo: Ateliê editorial, 2003.
- AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida.** Estudos Avançados, v. 13, n. 36, p. 7–59, maio 1999.
- AFONSO, Anice Esteves. Contribuição da Geografia Física e da Educação Ambiental na Prática de Professores de Geografia a partir do estudo de bacias hidrográficas em áreas urbanas. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 9, n. 1, 2013.
- AFONSO, Anice Esteves. Contribuições da Geografia Física para o ensino e aprendizagem geográfica na educação básica. **Revista Eletrônica Educação Geográfica em Foco**. Ano 1, Nº1, jan/jul 2017.
- AFONSO, Anice Esteves. Geografia da Natureza no ensino de Geografia: propostas para a educação ambiental e preventiva de riscos naturais. **Revista GIRAMUNDO**, Rio de Janeiro, V. 2, N. 4, P.83-93, JUL./DEZ. 2015
- AFONSO, Anice Esteves; ARMOND, Núbia Beray. Reflexões Sobre o Ensino de Geografia Física no Ensino Fundamental e Médio. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA – ENPEG. 10. 2009, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <http://www.cedipe.uerj.br/pdf/reflexoesanice.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.
- ALMEIDA, Rosângela Doin. Ensinam Geografia para quem vive num outro mundo. In: **V Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**. In: Anais... Belo Horizonte: PUC/MG, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. v. 5.
- CAVALCANTI, Lanna de Souza. Ensinar Geografia para a autonomia do pensamento: o desafio de superar dualismos pelo pensamento teórico crítico. In: **IX Encontro nacional da ANPEGE**, 9, Goiânia. Anais... Goiânia: Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2011.
- CAVALCANTI, Lanna de Souza. Geografia e práticas de ensino. Goiânia: Alternativa. 2002.
- KAERCHER, Nestor André. Desafios e utopias no ensino de geografia. Santa Cruz do Sul (RS), EDUNISC, 1997.
- KROPOTKIN, Piotr. Lo que la Geografía debe ser. In: MENDOZA, J.; JIMÉNEZ, J. e CANTERO, N. (Org.). El pensamiento geográfico - estudio interpretativo y antología de textos. Madri: **Alianza Ed.**, 1982 (1885), p. 227-240.
- LOUZADA, Camila Oliveira.; FROTA FILHO, Armando Brito. Metodologias para o ensino de geografia física. Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais, Fortaleza, CE, v. 8, n. 14, p. 75-84, jan./abr. 2017.
- MACÉDO, Helenize Carlos de. REFLETINDO SOBRE O ESPAÇO VIVIDO: o lugar na construção dos conhecimentos geográficos. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 5, n. 10, p. 152-165, jul./dez., 2015.
- MASSEY, Doreen. A mente geográfica. **GEOgraphia**, v. 19, n. 40, p. 36 - 40, 5 out. 2017. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2017.v19i40.a13798> Acesso em: 18 out 2023

MOTTA, Marlene François. **Espaço vivido/espaço pensado: o lugar e o caminho.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, 2003. 160f.

SANTIAGO, Izis Thelma Araújo. **A Geografia física crítica como estratégia pedagógica para a inclusão escolar.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, – Salvador, p. 148. 2021.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2023.

SANTOS, Andréa Dryelle dos; VITAL, Saulo Roberto de Oliveira. Riscos Geomorfológicos No Município De Caicó-RN. **Revista Brasileira de Geografia Física**, [S. I.], v. 13, n. 2, p. 434–448, 2020. DOI: 10.26848/rbgf.v13.2.p434-448.

SILVA, Dakir Larara Machado. **A Geografia que se ensina e a abordagem da natureza nos livros didáticos.** 112 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre, 2004.

SOUZA, Arlane Silva; SILVA, Josélia Saraiva. A teoria da aprendizagem significativa no ensino de geografia: uma abordagem das pesquisas no brasil. **Revista Signos Geográficos**, [S. I.], v. 3, p. 1–23, 2022.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; BASSO, Luis Alberto; VERDUM, Roberto. (Orgs.) **Ambiente e lugar no Urbano.** Porto Alegre: EdUFRGS, 2000.